

UIMPER
rel.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DIRETORIA DO ENSINO SECUNDÁRIO
CAMPAÑA DE APERFEIÇOAMENTO E DIFUSÃO DO ENSINO SECUNDÁRIO

GINÁSIO ORIENTADO PARA O TRABALHO
(Ginásio Polivalente)

1. Nos ginásios orientados para o trabalho, associa-se uma inicição técnica à educação geral.

Na parte geral, não diferem essencialmente os ginásios orientados para o trabalho do ginásio secundário comum. A parte técnica compreende o ensino de Artes Industriais, Técnicas Agrícolas, Técnicas Comerciais e, como complemento, o de Educação para o Lar.

2. O quadro seguinte mostra que na primeira e segunda série há o ensino de Artes Industriais ou o de Técnicas Agrícolas, dependendo a escolha em grande parte do tipo de economia da região.

1ª série	Artes Industriais				Educação para o Lar
2ª série	ou Técnicas Agrícolas				
3ª série	Artes	Téc.	Téc.	Sem	
4ª série	Inds.	Agríc.	Comerc.	Téc.	

As Artes Industriais abrangem, nessa etapa, cinco práticas: madeira, cerâmico, artes gráficas, metal, eletricidade.

As Técnicas Agrícolas incluem práticas de oficina (oficina rural) e práticas de campo. As práticas de oficina são algumas práticas industriais (madeira, metal, eletricidade, couro, e corda) e as práticas de campo, muito variadas, podem ser: de horticultura, floricultura, fruticultura, olericultura e outras, além de agricultura propriamente dita, e práticas de zootecnia.

No longo do ensino de artes industriais ou de técnicas agrícolas, nas duas primeiras séries, parte das tarefas administrativas das oficinas poderá ser confiada aos alunos. Assim, noções de comércio serão ministradas, efetuando os alunos operações simples como registro de entrada e saída de material, controle de custo, etc.

Dêsse modo, os alunos na primeira e segunda série, são observados sobre tendências que revelem para um trabalho futuro não só na indústria ou na agricultura como no comércio.

3. O ensino, nas duas primeiras séries, além de seus objetivos gerais, tem o de analisar e explorar aptidões: um ensino que ofereça à escola meios de, por seu diretor, seus orientadores e professores, perceber a inclinação dos alunos por uma atividade técnico-profissional a ser exercida logo depois do curso ginasial, ou nenhuma inclinação por êsse tipo de atividade.

4. Se, nas duas primeiras séries, o ensino, tanto na parte geral como na parte técnica, deve ser comum para todos, nas terceira e quarta séries, entretanto, deve haver opção: por uma das técnicas (industrial, agrícola, comercial) ou pelo ensino geral sem nenhuma dessas técnicas.

É difícil reunir na mesma série tôdas as áreas de opção; não só difícil como nem sempre necessário. Não há maior interesse em ensinar técnicas agrícolas nas grandes capitais, como do mesmo modo em ensinar em localidades do alto interior, por exemplo, técnicas comerciais. É importante, porém, não reduzir demasiado o número de opções.

Além da opção pelo ensino geral sem iniciação técnica, justificada em qualquer caso, é necessário oferecer duas opções técnicas: artes industriais e técnicas comerciais, técnicas agrícolas e técnicas de comércio, associando-se-lhes a opção por educação para o lar. Só em casos especiais, justificar-se-ia maior redução, nas pequenas cidades do interior, admitir-se-ia a limitação a técnicas agrícolas e educação para o lar.

É oportuno um comentário sobre a educação para o lar. É um ensino certamente necessário em qualquer escola de grau médio. Destinado de preferência aos alunos do sexo feminino, tenderá talvez a estender-se aos de sexo masculino. Por en

quanto, os programas dessa matéria incluem práticas e estudos relacionados mais com trabalhos no lar do que com a atividade profissional. Dada a multiplicidade de profissões da mulher, predominantemente, no mundo de hoje, mais adequado seria ampliar o conteúdo da matéria, dando-lhe a denominação de educação para o lar e para o trabalho. A revisão dos programas, incluindo-se novas áreas de iniciação profissional, deveria a nosso ver ser objeto de estudos dos especialistas.

5. O tempo reservado a iniciação técnica é pequeno em relação ao conjunto do currículo. Nas duas primeiras séries cujo objetivo é explorar aptidões e não, especialmente, proporcionar iniciação profissional, 3 horas ou 4 horas por semana seriam suficientes. Nas terceira e quarta séries, justificar-se-ia horário maior.

6. O ensino de artes industriais ou o de técnicas agrícolas, nas duas últimas séries, pode abranger as mesmas áreas das duas primeiras séries, dando-se-lhes porém maior extensão, aplicando-se técnicas e realizando trabalhos mais apurados. Poderia reduzir-se a algumas áreas (três, pelo menos), as de maior utilidade de acordo com os tipos regionais de produção. E pela mesma razão, poderia acrescentar outras áreas tais como, nas artes industriais, práticas elementares de indústria têxtil, de plásticos, couro, motores, eletrônica, etc.

7. As matérias técnicas não determinam mudança substancial do currículo do estabelecimento. Este pode manter as nove disciplinas gerais, ou, em lugar de uma delas, incluir uma das técnicas, variando esta com a opção do aluno. Assim, as matérias técnicas poderão constituir a nona disciplina ou, se mantidas as nove disciplinas gerais, ser incluída como prática educativa, neste caso com vantagem a nosso ver sob vários aspectos principalmente porque exclui o exame. Permitir-me-ia poderar que nas matérias técnicas o exame é de menor importância. Não se justifica reprovação em artes industriais, técnicas comerciais, etc. Quando um aluno não tem aplicação em uma destas matérias, o que se recomenda é que passe para outra, que corresponde melhor às suas aptidões.

8. Deve-se acrescentar que, nas duas últimas séries, o ensino de artes industriais, como de técnicas agrícolas ou técnicas comerciais, não se limita a prática de técnicas. Deve ser completado, em cada uma delas, pelo estudo de noções de economia geral e relacionada com o tipo de produção respectivo. Assim, além de uma iniciação técnica, poderá propiciar o ginásio a

seus alunos elementos que lhes permitam ter uma noção mais precisa da importância social e econômica da indústria, da agricultura, do comércio, e adquirir conhecimentos dos problemas que envolvem a atividade no campo da produção.

9. O programa de trabalho da Diretoria do Ensino Secundário, referente aos ginásios orientados para o trabalho, além da orientação geral sobre sua significação e suas finalidades, envolve dois encargos principais: a concessão de auxílio para o equipamento de oficinas ou salas adequadas para o ensino de Artes Industriais, Técnicas de Comércio, Técnicas Agrícolas e Educação para o Lar, e o preparo de professores para estas matérias.

Para os estabelecimentos de ensino gratuito, o auxílio é uma doação. Para os estabelecimentos que cobram anuidades, o auxílio é retribuído sob a forma de novas bolsas de estudo a estudantes comprovadamente carentes de recursos.

Com referência ao preparo do professor, incumbem-se a Diretoria do Ensino Secundário, diretamente ou através de instituições especializadas, de ministrar os respectivos cursos. Para os professores de Artes Industriais, os cursos são de 10 meses, abrangendo 1700 horas. Para os de Técnicas Comerciais, de 4 meses, 520 horas. Para os de Técnicas Agrícolas, destinados a agrônomos ou técnicos agrícolas, de 6 semanas, 240 horas, consistindo em aperfeiçoamento pedagógico; para candidatos que não têm preparo técnico, serão dados cursos de 6 meses, 1080 horas, compreendendo esse preparo e o treinamento pedagógico.

Uma das características do ensino técnico nos ginásios orientados para o trabalho é a de que o ensino não é monotécnico. Não o deve ser, para não favorecer a especialização prematura. É um ensino politécnico e assim o deve ser também o professor. O professor de artes industriais prepara-se em cinco técnicas, o de técnicas comerciais em todas as que exigem o trabalho no escritório e na loja, o de técnicas agrícolas em técnicas de oficinas e variadas técnicas de campo. Nenhum deles é especializado em uma técnica. Em classe, um professor atende a todos os alunos; nas artes industriais, por exemplo, realizando ao mesmo tempo, uns trabalhos de metal, outros de madeira, eletricidade, cerâmica, artes gráficas.

10. Um dos aspectos mais importantes dos ginásios orientados para o trabalho - deve insistir - é a maior amplitude que oferece à opção. Além das que a escola oferece, por suas

disciplinas optativas e práticas educativas, soma-se a opção entre o ensino geral exclusivo, e o ensino incluindo iniciação técnica, sob este ou aquela modalidade. A partir da 3ª série, o aluno, sob a orientação da escola e de acordo com a família, pode optar por um aprendizado técnico, agrícola, industrial, comercial, ou pelo ensino geral apenas, atendendo no último caso à - aquele grupo de adolescentes de marcada preferência para o chamado ensino acadêmico.

11. De modo geral, tem havido grande interesse pela criação de ginásios orientados para o trabalho, embora nem sempre compreendida a idéia em toda a sua significação. Não sendo seu objetivo profissionalizar, asseguram, entretanto, uma iniciação base variada para uma futura ocupação profissional, servindo assim à grande parcela de jovens que precisam começar a trabalhar concluído o curso ginásial. E levam os egressos desse tipo de ensino um nível de formação geral que o ginásio tipicamente profissional não permite atingir, proporcionando essa formação, inclusive, condições favoráveis à rápida ascensão na carreira profissional.

Outro aspecto: um ginásio pode ter ricas oficinas e salas- ambiente para o aprendizado técnico e não ser um ginásio orientado para o trabalho, se deixar de atender a certas normas, das quais a mais importante é o acompanhamento do aluno para poder orientá-lo no sentido de suas reais aptidões. O que caracteriza essencialmente o novo tipo de ginásio, polivalente, oferecendo algumas direções diferentes à opção dos alunos, é exatamente essa possibilidade de opção.

12. Feita essa descrição dos ginásios orientados para o trabalho tentaremos agora situá-los dentro da teoria de educação de segundo grau.

Até o século XVI, o ensino, de nível elementar ao superior, estava ao alcance de uma minoria, educação integral para uns poucos e nenhuma para os outros, ou para estes um aprendizado não escolar, adestramento em atelier ou em oficina. Mas, nos séculos XVI e XVII, o pensamento dos reformadores religiosos e as mudanças econômicas e sociais resultantes da revolução comercial contribuíram para que se tomasse consciência da necessidade da educação das massas e não só das elites. O ensino elementar começou a estender-se às classes populares, criando - se porém para estas um ensino diferente, terminal, ministrado em língua vernácula e de caráter profissional, enquanto o outro, para os que tivessem que prosseguir os estudos, dado em latim, eram

uma iniciação humanística. Caracterizavam-se assim dois ensinamentos, um para a elite e outro para o povo. Comenius, pregando a mesma educação para todos, antecipando no século XVII a moderna concepção da educação, não foi ouvido. Seu pensamento só pôde ecoar em sua plenitude no século XIX. Eram motivos filantrópicos, por um lado, ou utilitários por outro, que animavam as campanhas que então se desenvolviam da educação do homem comum. Não era, como no nosso tempo, por imposição de princípios de justiça.

Estabelecia-se assim no nível elementar o dualismo fundado em diferenças de classes, dualismo que persistiu na Europa até o século XXI, pois só em 1925, na França foi que o ensino primário foi igualado para todos.

Em outra etapa, o dualismo do ensino elementar humanístico para a elite e o ensino elementar vernáculo e vocacional para as camadas populares atingiu horizontalmente o ensino de segundo grau. Desde os fins do século XVIII e durante o século XIX, em consequência do desenvolvimento industrial, começou a estender-se o ensino de segundo grau às classes médias em vários países da Europa. Grande parte da nova clientela precisava adquirir conhecimentos técnicos, mas as escolas tradicionais recusaram-se obstinadamente a incluir esses estudos. Então, novas modalidades de ensino de segundo grau surgiram, incluindo as ciências e as técnicas comerciais e industriais. Dividiu-se assim o ensino de segundo grau em duas áreas nitidamente diferenciadas sob vários aspectos: o ensino secundário e o ensino profissional. Diferentes pela natureza dos estudos, pela condição social da clientela, pelo grau de prestígio. Até o meio do século XX, em quase todos os países o ensino secundário tradicional tinha o privilégio de preparar para a Universidade; as outras modalidades de ensino, não.

Estas modalidades de ensino não eram só as escolas profissionais de nível médio propriamente dito, cuja limitação residia no estreito e precoce treinamento profissional que procuravam ministrar, além delas, surgiram e sobreviveram, até quase os nossos dias, formas rudimentares de ensino de segundo grau que, completando a educação elementar, dariam um ensino utilitário, semi-especializado. Essas formas híbridas ou intermedíarias de ensino foram as escolas primárias superiores na Fran

ca, Inglaterra e Alemanha. Constituíram tais escolas uma das expressões mais contundentes do dualismo.

À margem de tais reflexos tão extensivos da estratificação social na estrutura escolar, nos Estados Unidos constituía um postulado político desde a primeira metade do século, o conceito de que a sorte de uma sociedade democrática depende da livre e igual oportunidade de todas as crianças se desenvolverem na plenitude de suas capacidades. Recolhendo os influxos dos ideais da revolução francesa e grande nação da América, assumiu a liderança da reconstrução da educação, erguendo um novo sistema escolar que, dando dimensão e sentido sociais às novas idéias pedagógicas, inspirava-se no princípio da igualdade de oportunidades, defendendo-se os Estados Unidos, na aceitação desse princípio, de mais de meio século às maiores nações da Europa.

De um sistema constituído sobre esses alicerces, estavam convendidos os americanos, dependiam o bem estar coletivo e possibilidades para cada um de afirmação pessoal e ascensão social. Não seria isso possível sem um sistema unificado e contínuo em que cada grau de ensino fôsse prolongamento orgânico do anterior. Os graus seriam fases e não tipos de ensino essencialmente diferentes. Não seriam colunas, mas camadas, ascendendo-se horizontalmente. Os dois graus básicos pelo menos fundir-se-iam em um só bloco sem descontinuidade vertical ou lateral.

O que de mais novo, mais diferente da tradição europeia, continha o sistema dos Estados Unidos era a escola secundária geral, ao mesmo tempo única e múltipla, idêntica em seu núcleo, responsável pela formação geral, e variada em seus desdobramentos na medida das diversidades individuais. Em vez de escolas separadas para o ensino secundário e para os outros ramos do segundo grau, uma escola comum plivalente que permitisse a gradual observação das capacidades dos alunos e os pudesse orientar para os estudos ulteriores ou para as ocupações mais afins com as suas aptidões.

Entre as duas guerras mundiais, as maiores democracias do ocidente europeu elaboraram planos que progressivamente estão sendo aplicados nos últimos vinte anos, firmando-se suas reformas se não nas minúcias das soluções pelo menos no equacionamento americano do problema moderno da educação do segundo grau, e impulsionadas em síntese pela idéia de

que a educação não é privilégio de alguns mas direito de todos.

Fatores sócio-econômicos propiciam condições para que a idéia atinja em nossos tempos sua força máxima. O cidadão e o trabalhador, na complexa organização social e econômica resultante da industrialização, precisa de instrução acima de nível primário. O princípio de acesso de todos os adolescentes aos estudos de segundo grau constitui princípio universalmente aceito e já aplicado nas nações mais desenvolvidas.

As linhas de força que dirigem a renovação universal da educação, em seus graus básicos, são a continuidade destes graus - e haveria tanto que dizer sobre essa continuidade do ensino primário e do ensino ginasial - e a integração dos ramos do ensino médio. Em outras palavras, quanto à última, a integração no ensino médio de elementos culturais e elementos técnicos, na feliz expressão de George Parkyn, autor do relatório apresentado à UNESCO sobre o ensino de segundo grau em 1963. Educação para a cultura e educação para o trabalho, atenuada a velha antinomia entre o ensino humanista e o ensino para o trabalho.

A propósito, uma das mais autorizadas expressões do pensamento novo, em educação, no Brasil? Professor NEWTON SUCUPIRA, em recente exposição, publicada na Revista de Estudos Pedagógicos do INEP, sob o título, "Conceitos básicos para uma filosofia do currículo na escola secundária", diz: "Toda educação autêntica visando a formar o homem pleno, há de ser necessariamente humanista e liberal. Infelizmente há uma tendência a identificar educação liberal com certo tipo de humanismo clássico, a associá-la com a época pré-industrial, pré-científica e pré-democrática ~~trata-se, portanto, de um ensino aristocrático, formação ornamental do espírito inadequado às exigências culturais de nossos tempos e de uma sociedade democrática~~". Em outro trecho "E nas condições de vida moderna, numa sociedade democrática temos de pensar uma educação liberal, uma formação humanista que, necessária como processo de humanização do homem, supere a oposição clássica entre o mundo da cultura intelectual e mundo do trabalho e se despoje de qualquer aristocratismo ou implique quaisquer distâncias sociais".

A tendência à generalização do ginásio polivalente, no qual se integrem a educação geral e a iniciação profissional, é registrada no relatório já citado de Parkyn: "A escola secundária polivalente, conquanto instituição relativamente recente, já exerceu grande influência nos meios pedagógicos. De uns 30

ou 40 anos para cá vários países parecer dispostos a resolverem do mesmo modo o problema da generalização do ensino de segundo grau. Alguns deles já atingiram sobre certos aspectos o mesmo nível que os Estados Unidos".

Também registra aquela tendência a Revista da União Americana, em seu último número (1966).

"A idéia de escola média que reuna na mesma instituição a escola secundária geral, tradicionalmente aristocrata, orientada e exclusivamente para a Universidade, e a escola técnica de origem popular destinada a preparar o jovem para ingressar de imediato na atividade econômica, está abrindo caminho na América Latina".

No Brasil, não obstante a idéia ter sido focalizada antes por alguns educadores, pode-se dizer que o movimento se corporificou com o plano de ginásio moderno que depois passou a se chamar ginásio orientado para o trabalho, do Ministério da Educação e Cultura. Mas quase simultaneamente a idéia surgiu de outros pontos. Destacamos o projeto de ginásios únicos e pluricurriculares do Estado de São Paulo, e um parecer do Conselho Estadual de Educação da Guanabara, que apresenta o problema de modo semelhante. Acentuando que o ensino de nível médio "em sua primeira fase tenha antes um caráter formador, não devendo orientar para um tipo determinado de trabalho ou ocupação, preconizava o citado parecer que o primeiro ciclo mantivesse um núcleo de disciplinas fundamentais comuns, diversificando-se os cursos secundários, técnicos e de formação de regente de ensino primário, unicamente através de disciplinas optativas e vocacionais". E ainda: "é de todo desejável procurar oferecer-se, quando possível na mesma escola, uma variedade de disciplinas optativas e práticas educativas possibilitando melhor sondagem de aptidões e, também, nada impediria que na Guanabara, no ciclo ginasial, se dispensem as denominações de escola de comércio, escola técnicas, ginásio industrial etc.". Ainda para dizer de como a idéia está evoluindo citamos duas conclusões do trabalho do Conselho Federal de Educação apresentado ao grupo nacional que está elaborando o Plano Decenal do Governo. Com relação ao ensino médio, uma das recomendações é o estímulo a expansão do ginásio comum a partir do qual se fará a diversificação do ensino médio. Outra recomendação é o estímulo a coexistência de várias modalidades de ensino médio no mesmo estabelecimento com o aproveitamento mútuo dos seus cursos.

Finalmente feita esta tentativa de colocação do ginásio orientado para o trabalho à luz da teoria geral do ensino médio, salientaremos ainda suas características gerais e principais virtualidades.

1. É um ensino geral que inclui orientação para o trabalho. Não deixa de ser portanto, ensino geral, mas não é um ensino geral isolado e que negue qualquer introdução de orientação para o trabalho, na indústria, agricultura e comércio.
2. Elimina as diferenças entre os ginásios secundários e os ginásios profissionais, estabelecendo não só a articulação como a fusão dos cursos e contribuindo assim para atenuar os preconceitos que ainda existem contra o ensino técnico.
3. Assegura a todos maior formação geral. O currículo geral é de 9 ou 8 disciplinas, enquanto no ginásio profissional é de 5. Em vez de dar portanto a alguns jovens uma formação geral de 8 ou 9 disciplinas, e a outros apenas de 5, faz-se estender a formação geral a maior número de adolescentes, de modo que o ginásio orientado para o trabalho é um ginásio que, apesar do nome, propugna por uma formação geral mais larga para maior número de jovens, ampliando as possibilidades de cultura geral.
4. Contribue não só para uma mais completa formação humana como oferece maior base para o ingresso e a ascensão nas carreiras profissionais porque o desenvolvimento da técnica, com os progressos da automação, exigem do trabalhador formação geral cada vez maior.
5. Oferece possibilidades de opção menos prematura que os ginásios secundários e profissionais facilitando o estudo e a orientação das aptidões individuais. O estudante que hoje ingresse no ginásio comercial, no ginásio industrial está destinado a ter um aprendizado comercial ou industrial ou agrícola. O estudante que vai para um curso secundário está destinado a não ter nenhum aprendizado deste tipo, depois do curso ginásial fica muitas vezes perplexo sem saber o que fazer. Num ginásio polivalente, com um bom serviço de orientação, é possível captar gradualmente as tendências e orientá-las, com benefício para o educando, com benefício para a sociedade, com benefício para o desenvolvimento econômico.

6. Retarda, como recomenda a pedagogia e é do interesse do próprio preparo profissional, o momento da especialização. A especialização precoce, além de antipedagógica, não garante a formação de técnicos de boa qualificação.

7. Propicia aos jovens oportunidades de estudos amplos e diversificados, como o requer o desenvolvimento econômico, assegurando o aproveitamento máximo de todas as capacidades. Introduzindo muitos alunos em áreas de iniciação profissional, facilita certamente sua mais adequada distribuição nos cursos secundário e técnicos de segundo ciclo.

8. Integrando a iniciação profissional no ensino geral, incluindo materias técnicas no currículo do ensino secundário, contribuirá para mais estreita convivência dos educandos, sem diferenciação social e econômica, portanto, para a realização de um dos principais objetivos da educação em geral, que é promover a unidade e a solidariedade social.

Em resumo, o ginásio polivalente atende melhor que os ginásios diferenciados aos princípios de justiça em educação, em sua dupla expressão de acesso do maior número possível de adolescentes ao ensino de segundo grau e de adequação do ensino às peculiaridades pessoais; atende aos objetivos de maior comunicação entre as classes, fazendo da escola não um reflexo da estratificação, mas um instrumento de integração social; atende aos objetivos do progresso econômico, fazendo convergir para as ocupações a força jovem do trabalho, na medida de suas afinidades vocacionais e, portanto, garantindo o mais adequado aproveitamento da maior riqueza de um país, que são as potencialidades de sua juventude; atende portanto, à pedagogia, ao desenvolvimento social, aos interesses da economia e, como síntese de todos os seus fins, ao ideal democrático de igualdade de direitos.

Novembro de 1966

GILDÁSIO MADO
Diretor do Ensino Secundário